



RESUMO: Na literatura de ficção cabo-verdiana abundam as referências à emigração forçada para São Tomé e Príncipe. Não sendo exigível rigor factual a uma obra de ficção, ela se apresenta, frequentemente, como um reflexo da realidade envolvente. Se podemos entender uma obra de ficção como um objecto cultural, a antropologia, não excluindo o recurso a outras fontes, pode beneficiar destes textos e das representações que eles elaboram.

PALAVRAS-CHAVE: Cabo Verde; São Tomé e Príncipe; Fomes; Secas; Migração Forçada.

ABSTRACT: in the Cape Verdian fiction literature abound the references to the forced migration to Saint Thomas and Prince. It isn't being demanding factual rigor to a fiction masterpiece, it generally presents itself, as a reflected of the involved reality. If we can understand a fiction masterpiece as a cultural object, the anthropology, it isn't excluding the resource to others sources can benefit from these texts and the representations the elaborated.

KEYWORDS: Cape Verde; Saint Thomas and Prince; Famines; Draught; Forced Migration.

O arquipélago de Cabo Verde, de origem vulcânica, situa-se a 455 Km da costa ocidental de África e consiste em 10 ilhas com uma superfície total de 4.033 quilómetros quadrados. Santiago, com 911 quilómetros quadrados, é a maior ilha do arquipélago tanto em área como em população, sendo ainda a ilha onde se situa a capital do país, a cidade da Praia. O arquipélago está dividido em dois grandes grupos, Barlavento³ e Sotavento,⁴ sendo as ilhas deste último as mais próximas da costa africana.

A população das ilhas de Cabo Verde que, segundo a opinião corrente, não eram habitadas à data do seu achamento (1460), é constituída pelos descendentes de europeus, sobretudo portugueses e de africanos de várias proveniências. O papel desempenhado por Cabo Verde como entreposto no tráfico de escravos e na ladinização

dos cativos levaria à formação de uma sociedade mestiça quer do ponto de vista da aparência física da população quer no que toca às características culturais. Gabriel Mariano destaca o papel da cultura africana ao defender que “[...] o processo de formação social do caboverdeano operou-se mais por uma africanização do europeu do que por uma europeização do africano.” (MARIANO, 1991, p.6). Do ponto de vista cultural, os traços marcadamente africanos são mais evidentes nas ilhas de Sotavento.

Devido à sua posição geográfica (prolongamento do Sahel) e a factores climáticos, em larga medida associados a essa localização (Cf. AMARAL, 1964 e também SEMEDO e TURANO, 1997), as secas, “conhecidas desde os primórdios da colonização (1462)”, (SEMEDO e TURANO, 1997, p. 31) são frequentes no arquipélago. Apesar

¹ Este texto deriva de um projecto de investigação mais amplo em torno da representação da morte na literatura caboverdiana de ficção. O Projecto tem como ponto de partida uma abordagem antropológica e foi levado a cabo no âmbito da Bolsa Praxis 4/4.1/BD/3932, concedida pelo Programa Praxis XXI e pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica/Fundação para a Ciência e Tecnologia — Medida 4 (Inserção de Mestres e Doutores) e enquadrado no Instituto de Investigação Científica Tropical. Está publicado em livro (Fernandes, 2004).

² Doutorada em Antropologia Social pela Universidade de Kent at Canterbury. Docente do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

³ Ilhas de Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia (desabitada) S. Nicolau, Sal e Boavista.

⁴ Ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava.

⁵ No entanto, Henrique Santa-Rita Vieira, menciona um manuscrito, da autoria de “Um Amante da Pátria e Leal Vassalo de Sua Majestade Fidelíssima”, que afirma que “[...] a Ilha de Santiago «se achou habitada de muitos pretos [...]. E todos estes pretos se sujeitaram logo aos brancos que os domesticarão e fizeram abraçar a todos a religião católica romana».” (Vieira, 1987, p.10).

da diferenciação ecológica entre as ilhas, as secas têm atingido, em maior ou menor grau, todas elas. (Cf. MIRANDA, 1985b, p. 23)

As secas não são as únicas causas das crises no arquipélago de Cabo Verde. As águas (chuvas), por vezes torrenciais, provocam enxurradas que arrastam para o mar os esqueléticos solos aráveis e podem provocar, elas próprias, como que por ironia, situações de crise.

Este apontamento debruça-se sobre a emigração para São Tomé e resulta da análise de algumas obras de ficção cabo-verdiana numa perspectiva etnográfica tentando mostrar como a literatura de ficção pode cristalizar e transmitir uma representação da realidade elaborada pelo escritor sobre sociedade que o envolve. Ao entender a obra de ficção como um artefacto cultural proponho a possibilidade de se proceder a uma utilização de discursos ficcionais como se esses textos correspondessem a relatos de informantes recolhidos pelo antropólogo no terreno.

Entende-se que toda a obra literária é um objecto cultural. Embora de formas diversificadas, em estilo e forma, um autor de ficção, inserido num dado contexto geográfico, político, económico, social e cultural, por nascimento ou por opção, reflecte nas suas obras, quase inevitavelmente, esse mesmo contexto. Essa hipótese assenta na ideia de que “[...] a relação entre o mundo social e as obras culturais na lógica do reflexo, liga directamente as obras às características sociais dos autores (à sua origem social) ou grupos que eram os seus destinatários reais ou supostos, e cujas expectativas se crê que as obras preenchem. [...]” (BOURDIEU, 1996[1994], p. 40).

A tradição da antropologia remete para o estudo dos povos “sem história”. Na ausência de relatos escritos, a antropologia tem recorrido sobretudo à oralidade para constituir as suas fontes. De há muito que o campo de observação da disciplina se expandiu para incluir sociedades letradas que produzem sobre si próprias relatos escritos. Os relatos formais e oficiais — que não deixam de ser interpretações da realidade — são, sobretudo em contextos coloniais, elaborados com base em pressupostos ideológicos alheios ao sentimento e à visão do mundo daqueles a quem se referem. No processo de criação literária, como defende Jean Copans, “O escritor vai-se transformando em investigador para descrever uma

certa realidade utilizando os documentos e as técnicas do trabalho de campo.” (COPANS, 1981[1971], p. 37). Se ao ficcionista não podem ser impostos constrangimentos na produção do discurso nem limites à imaginação, isso não o impede de recorrer ao espaço envolvente para se inspirar na construção de um discurso em que a realidade e a ficção se tornam quase inextricáveis.

A literatura de ficção constitui um discurso — não necessariamente elitista — de uma elite letrada, dos que escrevem, descrevem e interpretam,⁶ aquilo que os rodeia e constitui um repositório interessante de formas de pensar, agir e sentir de quem os produz e que o antropólogo não deve ignorar nas suas pesquisas.

Vários autores — entre os quais Teixeira de Sousa que afirma que a “«(...)cultura, longe de ser ornamento, é, antes de mais, consciência” (TEIXEIRA DE SOUSA, “Homens de Hoje”, *Certeza*, nº 3, S. Vicente, Janeiro de 1945, p. 3. Número retido na tipografia pela Censura, citado por Alberto Duarte de Carvalho, 1985, p.215) — assumem a sua responsabilidade perante a sua terra e a sua gente e utilizam os meios de que dispõem para lhes dar voz. Para Manuel Veiga:

O drama do poeta é o drama da sua ilha: a fome de saber e de comida; a falta de liberdade e a negação de dignidade; o aumento da pobreza; a proliferação da injustiça; a legalização da morte.

O poeta não suporta a crueza dessa vida-morta porque *outro é o seu caminho, outro é o seu destino*. (1994, p.37. Itálicos no original).

Como refere Felisberto Vieira Lopes, “Sem dúvida que a «literatura caboverdiana» serviu bem para o conhecimento da existência física de Cabo Verde e da realidade social específica que caracteriza a sua «paisagem».” (LOPES, 1985, p.263). Não raras vezes, a literatura de ficção cabo-verdiana serviu de tribuna para denunciar os males que afligiam as gentes das ilhas.

Um número muito significativo de obras da literatura cabo-verdiana de ficção refere as secas e as fomes. Atente-se, por exemplo, na crueza das descrições de Luís Romano, em *Famintos*, de Manuel Lopes em *Os Flagelados do Vento Leste*, de Manuel Ferreira em *Hora di Bai*, de Gabriel Mariano em *Vida e Morte de João Cabafume*, de Onésimo Silveira em *A Saga das As-Secas e das Graças de Nossenhora* e, ainda, G.T. Didial, em

⁶ Trata-se, efectivamente, de uma interpretação de culturas no sentido Geertziano. (Cf. GEERTZ, 1973).

O *Estado Impenitente da Fragilidade* entre muitos outros. São obras de um tremendo dramatismo, retratando as grandes secas dos anos 40 e as suas consequências.

Na literatura de ficção cabo-verdiana imperam as temáticas locais, de que Teixeira de Sousa nos dá conta através de Helder, o escritor de *Djunga*, que lamenta que (...) escrito que não leve quatro dúzias de Nhôs e Nhás,⁷ que não contenha catástrofes naturais, partida para a terra distante, não é literatura legal (TEIXEIRA DE SOUSA, 1990, p.17) e avança a necessidade de encontrar alternativas

(...) Precisamente devido a esse marasmo, urgia espenicar os nervos do leitor com uma história de quinhentas páginas tensas, sem fome, sem vento leste, sem seca, sem gafanhotos, sem bicho preto, sem mar, sem a evocação do colonialismo, pela procura de novas temáticas entre a humanidade local. (...) (TEIXEIRA DE SOUSA, 1990, p.41).

À opção pelas temáticas relevantes de Cabo Verde não será de todo alheia uma afirmação de identidade nacional e cultural que encontra na literatura — e na língua portuguesa — uma forma de se expressar. Teixeira de Sousa defende que Cabo Verde é pioneiro na literatura de expressão portuguesa em África. Graças à actividade do clero no sentido de proporcionar aos caboverdianos acesso ao ensino, "(...) foi em Cabo Verde onde eclodiu o primeiro movimento literário africano de expressão portuguesa com características regionais

acentuadas e inconfundíveis, (...) pela ânsia de afirmar uma identidade nacional(...)." (TEIXEIRA DE SOUSA, 1985, p.306). E, segundo o mesmo autor, "A língua portuguesa (...) nunca foi um obstáculo cultural em Cabo Verde. A capacidade de adaptação à língua portuguesa sem perda da identidade nacional tem sido excepcional neste país." (TEIXEIRA DE SOUSA, "Homens de Hoje", *Certeza*, nº 3, S. Vicente, Janeiro de 1945, p. 3, (Número retido na tipografia pela Censura, citado por Carvalho, 1985, p.215).⁸ Gradualmente, e apesar de só recentemente se ter estabelecido uma grafia homogénea do crioulo, foram surgindo obras importantes escritas na língua falada pela população cabo-verdiana.⁹ É o caso do romance *Odju d'agu*, de Manuel Veiga e dos trabalhos de recolha de T.V. da Silva. Apesar do uso do português ser o mais comum na prosa, uma grande parte dos poetas exprime-se, sobretudo, mas não exclusivamente, em crioulo, língua usada na maioria dos poemas musicados.

A reivindicação da cabo-verdianidade e as temáticas recorrentes manifestam-se também através dos movimentos literários dos quais se destaca a revista *Claridade* (fundada em 1936).¹⁰

O movimento de 1936 descobriu as asperezas, os rumores, os cheiros, o isolamento oceânico, a ânsia de partir, o desespero das secas, da fome, da sede, descobriu esta prisão sem grades que são as ilhas de Cabo Verde. A seguir veio outra geração que descobriu o social, o económico, o colonialismo, sem se desarticular da *Claridade*, (...) (TEIXEIRA DE SOUSA, 1990, p.273).

⁷ Nhôs, senhores; Nhás, senhoras. Essas expressões adoptam grafias diversas nos vários autores.

⁸ Algumas obras escritas em português, abrangendo um público mais vasto, incluem algumas palavras ou frases em crioulo e são, normalmente, acompanhadas por um glossário. Mais frequente, e mais antiga, é a poesia em crioulo.

⁹ A normalização do crioulo escrito tem gerado grande polémica sobre a versão a adoptar. De facto, o crioulo falado também apresenta variações de ilha para ilha. As variações da língua falada nas várias ilhas reflecte a descontinuidade geográfica e reflecte-se nas sonoridades e nos vocábulos. Justifica-se assim que alguns léxicos do crioulo se refiram exclusivamente a uma das ilhas, é o caso do Dicionário do crioulo de Santiago e do Crioulo de São Nicolau. O crioulo é falado por cerca de 300 mil pessoas residentes no arquipélago e por cerca de 500 mil residentes no estrangeiro (Cf. NASCIMENTO, 1985, p.280, citando ROMANO, 1979, p.41). Note-se ainda que o crioulo da Guiné—Bissau se assemelha ao crioulo de Cabo Verde. Sobre a grafia e a padronização do crioulo veja-se Manuel Veiga (1979a, 1979b, 1982 e 1990) e Dulce Fanha (1989). Cf. também Manuel Ferreira, (1985[1967]). Em 1999, foi aprovada a normalização da escrita do crioulo com a adopção do AUPEC — Alfabeto Unificado para a Escrita do Crioulo.

¹⁰ Várias publicações contribuíram para a consolidação da literatura cabo-verdiana. O Boletim Oficial, publicado no último quartel do século XIX (Cf. TEIXEIRA DE SOUSA, 1985, p.305), embora não tenha constituído um movimento literário, permitiu divulgar alguns autores cabo-verdianos, assim como o Almanach de Lembranças (1854-1932). Algumas publicações importantes são ainda a revista *Certeza* (1944), o Suplemento Cultural (1958) e *Selé* (1962) entre outros.



A literatura de ficção cabo-verdiana das décadas de 30 e 40, foi fortemente influenciada pela literatura brasileira, através de autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado (Cf. LOPES, 1985, p.265). A realidade de Cabo Verde tinha semelhanças óbvias com “(...) o sertão árido do Nordeste brasileiro, flagelado com regularidade pela seca, sofria os mesmos problemas sociais que Cabo Verde.” (Vd. BROOKSHAW, 1985, p.186). Tal como o sertão nordestino, Cabo Verde é um desafio constante. Nas palavras de Benilde Caniato: “Uma tragédia contínua numa terra flagelada pelas estiagens, onde viver é um acto heróico.” (CANIATO, 1985, p.211). No entanto, a literatura cabo-verdiana evoluiu a um ritmo próprio,

E a partir da Claridade, os escritores islenhos têm procurado captar o universo caboverdiano em sua própria dimensão: as estreitezas condicionadas pela terra seca e inóspita, bem como as esperanças farturas quando as chuvas regressam e as sementes das certezas germinam no ventre da «mamãe-terra» (CANIATO, 1985, p.207).

Na terra longe, em São Tomé

Nas obras de ficção cabo-verdianas ressalta a recorrência das temáticas associadas às secas. Destaca-se aqui o drama da emigração forçada para São Tomé e Príncipe e a forma como é retratada na literatura de ficção. O impacto das secas e das fomes e a partida para a “terra longe” é marcante na memória colectiva do povo das ilhas. A fragilidade ecológica e a falta de meios para contrariar os desígnios da natureza, bem como a escassez de outros recursos naturais e económicos, agravam o impacto das crises. Os trabalhos públicos,¹¹ que eram mandados instituir, a transferência de pessoas para outras ilhas do arquipélago ou para outros pontos do então império colonial português e a distribuição de alimentos foram quase sempre escassos para minorar os efeitos da crise.¹²

Particularmente viva na memória colectiva das gentes de Cabo Verde estão as fomes dos anos 40,

particularmente as de 1947. As consequências demográficas das secas são chocantes. Ilídio Amaral refere “(...) períodos de estiagens totais ou parciais, que no séc. XIX chegaram a reduzir a população a metade (...)” (AMARAL, 1964, p.180.). Entre 1900 e 1947 estima-se que morreram 82 mil pessoas e, segundo António Carreira, “Em todo este período a taxa de mortalidade pela fome, nas fases mais agudas, rondou os 17,6% a 22,4%, em relação à população recenseada!” (CARREIRA, 1984[1977], p.10.)

As alternativas à fome surgem como pouco aliantes e, muitas vezes, implicavam sair da ilha, ou mesmo do arquipélago, em busca de sobrevivência. O paradoxo entre “querer ficar e ter de partir” e “querer partir mas ter de ficar”, sempre presente na diáspora cabo-verdiana, “voluntária” ou forçada, conduz a uma ambivalência de sentimentos que se reflecte na pena do poeta:

Corpo, qu’ê nêgo, sa ta bai; [o corpo que é escravo, vai]
Coração qu’ê fôro, sa tá fica...[o coração que é livre, fica] (FERREIRA, 1975, p.89).

Os contratos para S. Tomé (e para Angola) surgem como uma medida governamental para, por um lado, minorar os efeitos das crises e, por outro, fornecer mão-de-obra barata para a rendosa exploração de cacau e café de São Tomé e Príncipe. (Cf. TEIXEIRA DE SOUSA, 1983[1978], p.238/9).

O recrutamento para as roças de São Tomé manteve-se durante muitos anos e aumentava sempre que se adivinhava uma nova crise.¹³ “A chuva não vinha, a fome continuava e o caminho livre era o da escravidão” (FERREIRA, 1980[1962], p.165). Era “[...] a fome ou a escravidão para S. Tomé” (FERREIRA, 1980[1962], p.144).¹⁴

A exportação de mão-de-obra para São Tomé e Príncipe tem origem remota. Numa Portaria Régia de 18 de Maio de 1864, foram dadas instruções ao governador de Cabo Verde para que “(...) faça transportar para as ilhas de S. Tomé e Príncipe,

¹¹ Denominados “frentes de trabalho” visavam a construção de estradas, caminhos, e pontes e “(...) deveriam consumir mais braços do que material” Teixeira de Sousa, 1983[1978], p.239.

¹² Relativamente à assistência aos famintos nas fomes dos anos 40, ver Carreira, (1984[1977], p.111 e ss).

¹³ Kodé di Dona (1997), num tema curiosamente intitulado Fomi 47, relata a sua experiência, vivida em 1959, quando se inscreveu para ir para S. Tomé.

¹⁴ Sobre as condições de vida dos serviçais em São Tomé ver Clarence—Smith, (1993, p.153 e ss).

até 1000 indivíduos de ambos os sexos, empregando para esse fim todos os meios possíveis de persuasão". (CARREIRA, 1984[1977], p.173).

Os números são reveladores. Segundo Clarence-Smith (1993, p.149), entre 1880 e 1908 cerca de 70 mil escravos foram levados para S. Tomé. Dados da Curadoria Geral de S. Tomé, referidos por António Carreira, mostram que entre 1901 e 1928 tinham sido enviados para as roças 6 329 cabo-verdianos. Entre 1911 e 1928 tinham morrido 1 227. (Cf. CARREIRA, 1984[1977], p.174).

Em 1903 foi criada a SOEMI (Sociedade de Emigração de São Tomé e Príncipe), (Cf. ANDRADE, 1984, p.297) organismo privado de proprietários rurais cabo-verdianos que se encarregava do recrutamento de trabalhadores contratados por intermédio de agentes que recebiam uma soma por cada serviçal, (Cf. ANDRADE, 1984, p.297) para regular esta exportação de mão-de-obra barata. Segundo Miranda, em 1903 "Um decreto permite o recrutamento de mão-de-obra cabo-verdiana para São Tomé: 40% do salário era descontado e depositado na Fazenda Pública «para pagar a viagem de regresso»". (MIRANDA, 1985^a, p.21).

O recrutamento para as roças de São Tomé manteve-se durante muitos anos e aumentava sempre que se adivinhava uma nova crise.¹⁵ O drama é retratado por Manuel Ferreira, no romance *Hora di Bai* "A chuva não vinha, a fome continuava e o caminho livre era o da escravidão." (Ferreira, 1980[1962]:165). Era "(...) a fome ou a escravidão para S. Tomé". (FERREIRA, 1980[1962], p.144). As condições do contrato eram aceites por muitos dos que já não tinham alternativa e viam no contrato a resposta imediata para acalantar a sua fome. (Cf. ROMANO, 1983[1962], p. 285—318;339—346). Segundo Onésimo Silveira, em *A Saga das As-Secas e das Graças de Nossenhora*, que se reportam às fomes dos anos 40,

Para assegurar boa mão de obra, a Sociedade que recrutava assegurou os serviços de um clínico. Quem tivesse doença ruim, ficava; quem tivesse ainda um bocado de carne limpa no corpo, partia. O contrato firmava-se com assinatura ou com os dedos borrados na tinta. Se-

guia-se a distribuição do bônus: uma manta e quinhentos mil réis, que despistavam a vigilância cerrada da fome (SILVEIRA, 1991, p.85).

Os contratadores (ou engajadores) são retratados na literatura de ficção como indivíduos pouco escrupulosos que arrebanhavam pessoas com promessas vãs, a troco de uma comissão choruda (Cf. TEIXEIRA DE SOUSA, 1983[1978], p.279-280). Uma imagem que nos chega pela pena de Manuel Ferreira, em *Hora di Bai*:

Emigração para São Tomé é negócio. Negócio melhor do que o contrabando. Melhor do que mina de ouro. Negócio bom para dono de roça de cacau. Ou para os engajadores de Cabo Verde. Negócio para nhô Eduardinho e nhô Sebastião Cunha. Vocês não sabem. Eu sei. Contrato aqui é uma coisa, lá é outra. Nhô Sebastião Cunha ganha um fortunão por cabeça. Ele dá um tanto e recebe muito mais. Negócio da China esse da emigração para São Tomé (FERREIRA, 1980[1962], p.139).

Felisberto, personagem de *Ilhéu de Contenda*, de Teixeira de Sousa — descrito pelo médico de S. Filipe, na ilha do Fogo, como "(...) o maior cretino que já nasceu nesta ilha." (TEIXEIRA DE SOUSA, 1983[1978], p.265) — foi severamente criticado pelo filho, Ovídio, pelo seu "(...) hediondo papel de contratador de escravos(...)." (TEIXEIRA DE SOUSA, 1983[1978], p.332) Ovídio, estudante em Lisboa, recusava a mesada do pai porque provinha de uma actividade que o repugnava.

Uma quadra, cantada numa serenata, reflecte as clivagens decorrentes da situação:

Burro co besta [Burros e bestas]
ta bá pa S. Tomé [vão para S. Tomé]
sabido na sobrado [sabidos na casa grande]
ta bibê cacau [bebem cacau] (TEIXEIRA DE SOUSA, 1983[1978], p.335).

Os contratados, emigrantes forçados, são alvo de uma separação brusca e violenta com a sua terra chegando a ser procurados e obrigados a embarcar caso tivessem mudado de ideias.(Cf., por exemplo, ROMANO, 1983[1962]; MARIANO, s.d.). António Carreira afirma que "O dar o nome ao agente recrutador para a efectivação do

¹⁵ *Kodé di Dona* (1997), relata a sua experiência, vivida em 1959, quando se inscreveu para ir para S. Tomé.



contrato de trabalho para S. Tomé correspondia a uma auto-condenação” (CARREIRA, 1984[1977], p.175).

Os recrutamentos forçados tornavam ainda mais trágica a sina dos caboverdianos.¹⁶ As autoridades contribuíam para engrossar os contingentes de mão-de-obra. O capitão Mota Carmo, personagem de *A Saga de As-Secas e das Graças de Nossa Senhora*, de Onésimo Silveira “(...) enchia a Cadeia de Vôvô de gente, que mandava embarcar às vezes de noite, sem despedida. «Compreendes? Sem despedida.»” (SILVEIRA, 1991, p.79. Cf. MARIANO, s.d., p.69/70).

Os embarques dos contratados são momentos marcantes, como aqueles de que nos dá conta Euclides de Menezes nos versos seguintes:

«Quate hora da madrugada [quatro horas da madrugada]
Gente de Sancente em pé [gente de S. Vicente a pé]
Tã tchora, tã gritã, [choram e gritam]
Espera largada [esperam a partida]
De sês fidge pâ São Tomé] [de seus filhos para São Tomé] (MENEZES, 1990, p.133).

As “terras do sul abaixo”¹⁷ são conhecidas do imaginário das gentes das ilhas que as consideram medonhas, terras de “gente gentio”, onde chove muito e há fartura mas onde o caboverdiano irá encontrar maus tratos e doenças. Nas palavras de Gabriel Mariano, “(...) ir para o Sul é apenas trocar a hora da morte.” (MARIANO, s.d., p.89). E, para Onésimo Silveira,

Nas terras-do-Sul-abaixo, a água, depois que ensopava os campos, corria sem morrinha para o mar. O milho também paria sem dor, o suor amadurecia espigas. Mas havia também por lá a reprimenda do Chefe de Posto, castigo pesado demais para pecado tão limpo de culpa; a chibata do capataz, cascando no lombo de pai

de filho com barba na cara; a biliosa, as noites compridas como penitências, sem regaços quentes e namoros ingênuos com a lua (SILVEIRA, 1991, p.84/5).

Não seria sem fundamento que as paradisíacas ilhas tropicais de São Tomé e Príncipe ganharam má fama entre os caboverdianos.¹⁸ Como se pode perceber numa conversa entre médicos da ilha do Fogo, personagens do *Ilhéu de Contenda*, de Teixeira de Sousa,

(...) O problema pior é a exploração a que se submetem, o salário miserável, as doenças que contraem, o tempo e a saúde que perdem em benefício exclusivo dos donos das roças. Regressam ao fim de três anos de contrato com três mil escudos no bolso, milhares de ancilostomas nos intestinos e outros milhares de plasmódios no sangue.(...) (TEIXEIRA DE SOUSA, 1983[1978], p.264).

Muitos não chegavam a regressar ou porque as dívidas acumuladas nas cantinas das roças os obrigavam a renovar o contrato, ou porque não resistiam às desumanas condições de vida na roça. Como refere António Carreira, “A ida do cabo-verdeano para as roças de S. Tomé e Príncipe foi sempre considerada no arquipélago como uma deportação ou mais propriamente uma condenação a degredo — sem ter cometido crime algum.(...)” (CARREIRA, 1984[1977], p.174/5).

O tratamento reservado aos contratados lembrava os piores momentos da escravatura, como denuncia António Carreira, ao citar uma carta publicada no jornal *A Voz de Cabo Verde* de 1914/15:

ESCRAVATURA? Lemos numa carta de Sam Tomé: Tenho aqui visto os serviçais de Cabo Verde serem tratados como cães, quer no que toca a alimentação, quer se trate de educação. Muitos deles morrem desamparados de todos

¹⁶ As roças de cacau absorviam quantidades de mão de obra verdadeiramente impressionantes. Os contratados, recrutados em condições incríveis em Cabo Verde, Angola e Moçambique, eram sujeitos a maus tratos e impedidos, por expedientes vários, de regressar à sua terra no final do contrato. O regime de exploração dos serviçais de São Tomé foi duramente criticada, sendo equiparada a um sistema de escravatura. A situação dos contratados deu origem, no início do século, ao chamado “escândalo do cacau” que envolveu o boicote pelos principais fabricantes de chocolate de Inglaterra, da Alemanha e dos Estados Unidos que importavam cacau de São Tomé. Cf. Carreira, 1984[1977], p.173 e segs.; Metro Books, 1972; Clarence—Smith, 1993, p.149.

¹⁷ Expressão que designa, sobretudo, Angola e São Tomé.

¹⁸ E também entre os angolanos: “L’enfer du travail à São Tomé est un thème bien connu dans le littérature de l’Angola et du Cap-Vert.” Burness, 1985:195.

os confortos, famintos e miseráveis. Há dias foi assassinado um de Santo Antão, à chicotada. Morreu no Hospital, sem pele nas costas, com órgãos importantes a descoberto. Os assassinos (capatazes e patrão) foram pronunciados” (1977, p.49).

Manuel Duarte num texto (assinado com o pseudónimo A. Punoi) escrito em 1962, por ocasião de uma visita do Ministro das Colónias a Cabo Verde denuncia, entre outros abusos das autoridades coloniais, as condições de exploração dos contratados.

2. Nós povo das Ilhas, não podemos continuar a ser exportados em porões de modernos vapores negreiros, em condições (asfixia, promiscuidade, fome) só comparáveis às do tráfico dos séculos XVII e XVIII, para as roças de S. Tomé e Angola, compelidos a trabalhar, de madrugada à noite cerrada, sob a ameaça de chicote, sujeitos a prisão pela simples reclamação de direitos prometidos em pedaços de papel chamados “contratos”, e, a pretexto de indesejáveis, traiçoeiramente assassinados e enterrados em covas abertas por nós mesmos. Por que nos chamam, em Cabo Verde, “civilizados” (isto é: cidadãos) se nos tratam em S. Tomé e Angola, como “indígenas” (isto é: servos da gleba)? Somos uma garrafa cheia de fel do sofrimento, onde o colonizador põe o rótulo conveniente aos seus interesses de espoliação e crime (DUARTE, 1999[1962], p.34).

A emigração forçada para São Tomé representa uma extensão da tragédia da fome.

Caminho longe...

Caminho obrigado
caminho trilhado
nos braços da fome

Caminho se nome
caminho de mar
um violão a chorar

Caminho traidor
caminho da dor
ó lenta agonia

Caminho sem dia
caminho sem fé
Roças de S. Tomé

Caminho longe... (MARTINS, 1998[s.d.], p.49).

Para muitos São Tomé representava o fim da esperança Nas palavras de Nogueira, citado por Clarence-Smith “In São Tomé there is a door to go in, but none to come out.” [Em São Tomé há uma porta para entrar mas nenhuma para sair] (A. F. NOGUEIRA (1893) *A Ilha de S. Thomé*, Lisboa (2ª Edição), citado por CLARENCE-SMITH, 1993, p.149).

Considerações finais

A literatura de ficção revela-se mais do que mera ficção quando, através dela, podemos ver reflectida a realidade. É por isso que podemos falar em literatura cabo-verdiana, portuguesa, inglesa, francesa, angolana ou de outra qualquer proveniência, pelo estilo peculiar e culturalmente construído dos autores, nos mais diversos estilos literários, por um lado e pelas temáticas que abordam. É, precisamente, aqui – no conteúdo e nas formas – que reside a validade de fonte da literatura de ficção escrita à qual os antropólogos devem reconhecer o mesmo grau de validade que sempre atribuíram à literatura oral. Nesse sentido, a literatura de ficção escrita, ao reflectir a realidade, representando-a, pode contribuir significativamente para uma melhor compreensão da sociedade estudada pelo antropólogo.

A liberdade do ficcionista não atropela, inevitavelmente, os registos disponíveis nas fontes primárias nem os relatos de investigadores das várias áreas disciplinares — que devem, também, ser entendidas como representações — e com os quais, frequentemente, coincidem.

A constatação de que todos os povos têm história e a generalização do uso da escrita obriga, necessariamente, a repensar as fontes de que o antropólogo se socorre na percepção da sociedade estudada. Ignorar a literatura de ficção significa desprezar uma fonte relevante.

Ao atribuir à literatura escrita uma legitimidade de fonte que a antropologia sempre reconheceu à literatura oral — tomando-as como equivalentes e tratando, cada uma delas, com as cautelas recomendadas para qualquer fonte, sujeitando-as ao confronto com outras versões disponíveis — podemos usufruir de uma representação da realidade que é, em última análise, tão válida como qualquer outra, e enriquecer, inegavelmente, os parâmetros de análise de que dispomos.

Trata-se de recorrer a um discurso — não necessariamente elitista — de uma elite letrada,

dos que escrevem, descrevem e interpretam,¹⁹ aquilo que os rodeia. A literatura de ficção corresponde a um discurso, de entre os muitos discursos possíveis, sobre uma qualquer realidade. Efectivamente, como refere Carvalho "(...) não tem qualquer sentido defender que as ideias e a verdade de um texto literário são entidades preexistentes e autónomas em relação ao texto que as engendra ao mesmo tempo que as profere."(CARVALHO, 1985, p.216)

Aceito para publicação em 25/02/2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Ilídio. *Santiago de Cabo Verde: a terra e os homens, memórias da Junta de Investigação do Ultramar*. Lisboa, 1964.
- ANDRADE, Elisa Silva. *Histoire economique des iies du cap vert de la «découverte» à l'Indépendance (1460-1975)*. Thèse (Doctorat de 3ème cycle en Histoire et Civilisation, Option: Connaissance du Tiers Monde) - Université Paris VIII, Paris, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. [1994] *Razões práticas: sobre a teoria da acção*. Oeiras, Celta, 1996.
- BROOKSHAW, David. A Busca da Identidade Regional e Individual em Chiquinho e o Movimento da Claridade. In: *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A la recherche de l'identite individuelle et nationale*, 28-30 nov., 1 dec., 1984, Paris. *Actes du Colloque International*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1985. p. 185-190.
- BURNESS, Donald. *Contra Mar e Vento: La Folie, la desintegration et la tragedie capverdienne*. In: *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A la recherche de l'identite individuelle et nationale*, 28-30 nov., 1 dec., 1984, Paris. *Actes du Colloque International*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1985. p.193-198.
- CANIATO, Benilde Justo Lacorte. *Hora di Bai: Típica Síntese Caboverdiana*. In: *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A la recherche de l'identite individuelle et nationale*, 28-30 nov., 1 dec., 1984, Paris. *Actes du Colloque International*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1985. p. 207-213.
- CARREIRA, António. *Cabo Verde: Classes Sociais, Estrutura Familiar. Migrações*, Lisboa: Ulmeiro, 1977.
- CARREIRA, António. *Cabo Verde: Aspectos Sociais, Secas e Fomes do Século XX*, Lisboa: Ulmeiro, 1984. [1977]
- CARVALHO, Alberto Duarte. *Emergência do Discurso da Agressividade na Poesia Caboverdiana*. In: *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A la recherche de l'identite individuelle et nationale*, 28-30 nov., 1 dec., 1984, Paris. *Actes du Colloque International*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1985. p. 215-224.
- CLARENCE-SMITH, W. G. "Labour Conditions in Plantations of São Tomé and Príncipe, 1875—1914". *Slavery; Abolition: A Journal of Slave and Post-slave Studies*, Vol. 14, n. 1, (Special Issue Edited by Michael Twaddle: The Wages of Slavery from Chattel Slavery to Wage Labour in África, the Caribbean and England), 1993. p. 149-160.
- COPANS, Jean et al. *Antropologia, Ciência das Sociedades Primitivas?*. Lisboa: Edições 70, 1981. [1971].
- DIDIAL, G.T. *O Estado Impenitente da Fragilidade*. Praia; Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1989.
- DUARTE, Manuel. [1962] "Cabo Verde e a Revolução Africana". *Revista Caboverdianidade, Africanidade e outros textos*. Praia: Spleen Edições, 1991. p. 33-37.
- FANHA, Dulce. "Crioulo de Cabo Verde: proposta de grafia". *Revista O Foco - ouvir e falar*, nº2, Dezembro, 1989. p. 41-47.
- FERNANDES, Margarida. *Hora di Bai: as atitudes dos cabo-verdianos perante a morte – Uma abordagem antropológica a partir da literatura de*

¹⁹Trata-se, efectivamente, de uma interpretação de culturas no sentido Geertziano. (Cf. GEERTZ, 1973).

- ficção. Lisboa: Vega, 2004.
- FERREIRA, Manuel. [1962]. *Hora di bai*. (4. Ed.), Lisboa: Plátano Editora, 1980.
- FERREIRA, Manuel. [1967]. *A Aventura Crioula*. 3ª ed. Lisboa: Plátano Editora, 1985.
- FERREIRA, Manuel (Org.). No Reino de Caliban: Antologia Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa. Vol. 1 - Cabo Verde e Guiné Bissau, Lisboa: Seara Nova, 1975.
- GEERTZ, Clifford. *Interpretation of Cultures*. New York, Basic Books, 1973.
- KODÉ DI DONA. "Fomi 47 (a fome de 47)" in *Cap Vert*, (texto dos poemas do CD), Paris, Radio France, 1997.
- LOPES, Felisberto Vieira. Para o Estudo da Literatura de Cabo Verde: Lugares Comuns e Estéreis. In: *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A la recherche de l'identite individuelle et nationale*, 28-30 nov., 1 dec., 1984, Paris. *Actes du Colloque International*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1985. p. 257-261.
- MARIANO, Gabriel. *Cultura Caboverdeana*. Lisboa: Vega, 1991.
- MARIANO, Gabriel. *Vida e Morte de João Cabafume*. Lisboa: Vega, (s.d.).
- MARTINS, Ovídio. [1973]. *Gritarei, Berrarei, Matarei: Não vou para Pasárgada, 100 Poemas*. 2. Ed., Mindelo, Instituto de Promoção Cultural, 1998.
- MENEZES, Euclides de. *Toti Cadabra e Novas Histórias*. Linda-a-Velha, ALAC, 1990.
- METRO BOOKS. [1906;1911]. *Slavery in Portuguese Africa: Opposing Views*. Northbrook, Metro Books, 1972.
- MIRANDA, Nuno. Cronologia Histórica de Cabo Verde. *História*, nº 81, Julho, 1985a. p. 19-21.
- MIRANDA, Nuno. As 'Crises' de Cabo Verde. *História*, nº 81, Julho, 1985b. p. 22-23.
- NASCIMENTO, Luzia Garcia do. Voz de Prisão: Grito de Liberdade Nacional. In: *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A la recherche de l'identite individuelle et nationale*, 28-30 nov., 1 dec., 1984, Paris. *Actes du Colloque International*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1985. p. 277-282.
- ROMANO, Luís. [1962]. *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.
- SEMEDO, José Maria; TURANO, Maria R. *Cabo Verde: O Ciclo Ritual das Festividades da Tabanca*. Praia: Spleen Edições, 1997.
- SILVEIRA, Onésimo. *A Saga das As-Secas e das Graças de Nossenhôr*. Mem Martins, Pub. Europa-América, 1991.
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique. [1978]. *Ilhéu de Contenda*. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1983.
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique. A Igreja e a Literatura em Cabo Verde. In: *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A la recherche de l'identite individuelle et nationale*, 28-30 nov., 1 dec., 1984, Paris. *Actes du Colloque International*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1985. p. 303-308.
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique. *Djunga*. Mem Martins: Pub. Europa-América, 1990.
- VEIGA, Manuel. Breves considerações sobre a escrita do crioulo. Comunicação apresentada ao Colóquio sobre a *Problemática do Estudo e Utilização do Crioulo*, Mindelo, 1979a.
- VEIGA, Manuel. Crioulo em foco — Problemática de uma escrita. *África*, n. 6, 1979b. p. 73-75.
- VEIGA, Manuel. *Diskrison Strutural di Lingua Kauberdianu*. Praia, Instituto Caboverdiano do Livro, 1982.
- VEIGA, Manuel. *Odju d'Agu*. Praia, Instituto Caboverdiano do Livro, 1987.
- VEIGA, Manuel. "A Viabilidade do Acordo de 1990", *Jornal de Letras, Artes & Ideias* - Lisboa, 31 Dez., 1990—7 Jan., 1991, Vol.10 (443), p. 5, 1990.
- VEIGA, Manuel. *A Sementeira*. Linda-a-Velha, ALAC, 1994.